



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
GEOGRAFIA - LICENCIATURA**

JANETE MARIA KOLDEHOFF HOFF

**O MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS E AGRICULTORAS NO ESTADO
DE SANTA CATARINA E OS DESAFIOS DO TRABALHO COM
AGROECOLOGIA: UM OLHAR SOBRE O MUNICÍPIO DE SEARA**

**CHAPECÓ
2015**

JANETE MARIA KOLDEHOFF HOFF

**MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS E AGRICULTORAS NO ESTADO
DE SANTA CATARINA E OS DESAFIOS DO TRABALHO COM
AGROECOLOGIA: UM OLHAR SOBRE O MUNICÍPIO DE SEARA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito de obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Willian Simões

**CHAPECÓ
2015**

JANETE MARIA KOLDEHOFF HOFF

**MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS E AGRICULTORAS NO ESTADO
DE SANTA CATARINA E OS DESAFIOS DO TRABALHO COM
AGROECOLOGIA: UM OLHAR SOBRE O MUNICÍPIO DE SEARA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado em banca em:
09/12/2015

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Willian Simões - UFFS

Prof. Dra. Valdete Boni - UFFS

Prof. Me. José Tadeu Leal Peixoto - UFFS

Dedico este trabalho ao meu querido Pai Augusto (in memoriam) pelos exemplos de amor, honestidade e persistência que ele nos deixou.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por estar concluindo esta etapa importante da minha vida. A Universidade Federal da Fronteira Sul, pela oportunidade de cursar uma graduação de nível superior numa instituição pública e de qualidade, a fim de aperfeiçoar meus conhecimentos, para me tornar apta a desempenhar a profissão de professora. Agradeço imensamente a todos os professores do curso que colaboraram para minha formação durante estes quatro anos e meio. Ao meu orientador Willian Simões pelas palavras de incentivo e as cobranças que me fizeram crescer e ir em busca dos meus objetivos. Não poderia deixar de agradecer a quem sempre foi meu porto seguro, quem sempre segurou minha barra nos momentos mais difíceis: Os meus filhos Jaqueline e Lucas ao meu esposo Orides e a minha mãe Elisa, que sempre me deram força para seguir adiante nas horas em que as dificuldades bateram na minha porta. Agradeço aos meus colegas de curso pelo companheirismo, a amizade, os momentos de descontração e alegria que passamos juntos nestes quatro anos e meio que se tornaram inesquecíveis. A todos a minha gratidão.

Se eu pudesse deixar algum presente à você, deixaria aceso o sentimento de amar a vida dos seres humanos. A consciência de aprender tudo o que foi ensinado pelo tempo a fora. Lembraria os erros que foram cometidos para que não mais se repetissem. A capacidade de escolher novos rumos. Deixaria para você, se pudesse o respeito àquilo que é indispensável. Além do pão, o trabalho. Além do trabalho, a ação. E, quando tudo mais faltasse, um segredo: o de buscar no interior de si mesmo a resposta e a força para encontrar a saída.

Mahatma Gandhi

RESUMO

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é fazer um estudo sobre a questão agrária brasileira, o movimento de mulheres camponesas e a sua proposta de trabalhar com a agroecologia. Buscou-se dar ênfase a história do movimento de mulheres camponesas no Estado de Santa Catarina e em especial no município de Seara. Para isso nos utilizamos de documentos históricos do movimento de mulheres agricultoras para contar sua trajetória nos trinta anos de sua existência. Para melhor compreender a realidade contamos com entrevistas com mulheres agricultoras para mostrar os desafios de trabalhar no campo num modelo alternativo de produção que visa uma melhor qualidade de vida das famílias que vivem no campo e trabalham na agricultura, modelo este que se contrapõe a um sistema capitalista enraizado na sociedade que visa a produção de excedentes, deixando em segundo plano o cuidado com a vida humana e os recursos naturais.

Palavras-Chave: Movimento de mulheres camponesas. Lutas, Agricultura. Agroecologia.

ABSTRACT

The objective of this course conclusion work is to do a study on the Brazilian agrarian question, the movement of peasant women and your proposal to work with agroecology. It sought to emphasize the history of the movement of rural women in the state of Santa Catarina and especially in the city of Seara. For this we use of historical documents of the women peasant movement to tell their trajectory in the thirty years of its existence. To better understand the reality we have interviews with women farmers to show the challenges of working in the field in an alternative model of production which seeks a better quality of life for families that live in the countryside and work in agriculture, this model that is opposed to a system rooted in capitalist society that seeks to production surpluses, leaving in the background the care of human life and natural resources.

Keywords: Movement of peasant women. Fights. Agriculture. Agroecology.

LISTA DE ABREVIATURAS

ANMTR - Articulação Nacional das Mulheres Trabalhadoras Rurais

APACO – Associação De Pequenos Agricultores do Oeste de Santa Catarina

CIAPO – Câmara Interministerial de agroecologia e Produção Orgânica

COPAFAS – Cooperativa de Pequenos Agricultores Familiares de Seara

COPASE – Cooperativa de Pequenos Agricultores de Seara

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MAPA – Ministério da Agricultura e Pecuária e Abastecimento

MMC - Movimento de Mulheres Camponesas

MMTR – Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais

MST – Movimento dos Sem Terra

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 SOBRE A QUESTÃO AGRÁRIA BRASILEIRA, O MOVIMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS (MMC) E AGROECOLOGIA: CONSIDERAÇÕES GEO-HISTÓRICAS	12
2.1 SOBRE A QUESTÃO AGRÁRIA BRASILEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	12
2.2 FORTALECER A LUTA TODOS OS DIAS EM DEFESA DA VIDA: O MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS	15
2.3 A AGROECOLOGIA O MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS	21
3 MMC NO MUNICÍPIO DE SEARA-SC: O PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO E AS DEMANDAS DE LUTA.....	25
3.1 A LUTA FEMININA DAS MULHERES DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SEARA-SC E A AGROECOLOGIA: AMAS E O MMC.....	26
3.2 A LUTAS DAS MULHERES NO CAMPO E AGROECOLOGIA COMO RESISTÊNCIA À LÓGICA DESTRUTIVA DO CAPITAL NO CAMPO CATARINENSE	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi desenvolver um estudo para compreender numa perspectiva histórico-geográfica a questão agrária no Brasil, assim como se deu a organização e a territorialização do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) no Estado de Santa Catarina, em particular no município de Seara. Procurou-se, focar, também, nos principais desafios enfrentados no trabalho com a Agroecologia.

A escolha deste tema se dá em virtude de que esta área de estudo faz parte da minha realidade vivida. Grande parte da minha vida dediquei ao trabalho na agricultura. Como mulher, agricultora, senti na pele os desafios de trabalhar no campo onde as mulheres em diversas situações precisam brigar para conquistar seu espaço. Participo do movimento de mulheres agricultoras desde a sua fundação no município de Seara. Por diversas vezes participei de encontros regionais do movimento, assim como também sou sócia fundadora da Associação de Mulheres Agricultoras de Seara (AMAS). Sentindo a necessidade de contar a história de luta desta classe que por muito tempo ficou no anonimato me lancei ao desafio.

Inicialmente buscou-se tratar sobre a questão agrária brasileira, que abrange não somente a distribuição de terras, mas, envolve também questões de gênero e geração, a diversidade étnica e econômica, o cuidado com os recursos naturais, direitos humanos, conflitos territoriais entre outros.

Buscou-se fazer um resgate histórico do contexto geo-histórico vivido no Brasil na década de 1980 em que surgiu o Movimento de mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina.

O Movimento de Mulheres Agricultoras surge no oeste de Santa Catarina como um instrumento de luta em favor dos direitos das mulheres, se constitui como um movimento alternativo e de resistência frente aos avanços das práticas conservadoras do agro-hidro-negócio, resultado da organização de mulheres que buscam alterar velhas estruturas onde a mulher é vista como inferior ao homem, capaz somente de cuidar da casa, do marido e dos filhos. São mulheres que escrevem a sua própria história mostrando sua capacidade de organização e luta pelos seus direitos. Ao se propor a trabalhar com a agroecologia as mulheres camponesas resgatam técnicas de plantio e cultivo da terra dos antepassados aliadas as técnicas atuais visando uma alimentação mais saudável e a preservação

dos bens naturais, que resulta numa melhor qualidade de vida para a mulher e sua família. Optando pela agroecologia o movimento opõem-se a lógica do sistema capitalista que visa o lucro a todo custo, a produção em grande escala, uso de produtos químicos nas lavouras que contaminam o meio natural.

Por fim abordamos a organização das mulheres no município de Seara. O movimento de mulheres Camponesas articulado com o movimento de luta nacional e também na Associação de Mulheres Agricultoras de Seara, uma organização em nível de município, que visa à organização das mulheres em pequenas cooperativas para a comercialização dos seus produtos coloniais, confraternizações e grupos de estudo voltados às temáticas que envolvem o cotidiano da mulher do campo.

2. SOBRE A QUESTÃO AGRÁRIA BRASILEIRA, O MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS (MMC) E AGROECOLOGIA: CONSIDERAÇÕES GEO-HISTÓRICAS.

2.1 SOBRE A QUESTÃO AGRÁRIA BRASILEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A questão agrária ou distribuição de terras no Brasil e no mundo tem sido uma questão de relevante preocupação da população que vive no campo, sobretudo devido à concentração das terras nas mãos de poucas pessoas e os amplos, complexos e contraditórios processos que marcam a mercantilização da natureza, enquanto uma grande parcela da população não possui acesso a este bem natural.

Neste trabalho, compreendemos que a questão agrária hoje não se resume somente à problemática da má distribuição de terra, ela também envolve diversos outros temas e dilemas como as questões de gênero e geração, a diversidade étnica e econômica, o cuidado com meio ambiente e os recursos naturais como a água, as florestas, a preservação da biodiversidade e os direitos humanos, os conflitos territoriais provocados pelo avanço do capitalismo no campo, o trabalho digno com a geração de renda para as pessoas que trabalham no campo, a educação voltada aos povos do campo, entre outros.

No Brasil, o Movimento dos trabalhadores rurais sem-terra se destaca como um movimento que luta para uma melhor distribuição da terra, entre suas lutas está também à democracia, o cuidado com o meio-ambiente e a preservação da biodiversidade, a luta contra os transgênicos, contra o agronegócio e a favor de uma agricultura agroecológica que utilize o ambiente natural de forma sustentável, juntamente com um projeto que visa o desenvolvimento dos agricultores familiares diminuindo as desigualdades sociais e da diminuição da pobreza no campo a partir da redistribuição da terra (MORISAWA, 2001).

Desta forma, podemos considerar que o MST (Movimento do Sem Terra), é um movimento social que tem como princípio a construção de uma reforma agrária que beneficie os pequenos produtores rurais da agricultura familiar e camponesa, que contemple as condições concretas e objetivas para reprodução social e intergeracional da família rural. O referido movimento faz parte da Via Campesina,

um movimento internacional engajado nas lutas brasileiras, sendo um articulador das lutas em favor da Reforma agrária, soberania alimentar, campesinato, questões de gênero, direitos humanos, agricultura camponesa sustentável; questão de gênero; direito humanos e outros (VIA CAMPESINA, 2015).

O modelo camponês defendido pela Via Campesina segundo Girardi (2008) não propõe o retorno ao passado com adoção de técnicas rústicas e nem a rejeição de novas tecnologias que facilitam o trabalho no campo. Pelo contrário, valoriza novas técnicas de comercialização e formas mais modernas de produção. Girardi (2008 p. 02) resume dessa forma a via campesina:

A via campesina estrutura sua luta em torno de cinco temas: reforma agrária, biodiversidade e recursos genéticos, soberania alimentar e comércio, mulher, direitos humanos, migração e trabalhadores rurais e agricultura camponesa sustentável. “O principal objetivo da Via Campesina é a construção de um modelo radicalmente diferente de agricultura baseado no conceito de soberania alimentar.” (p.26). O conceito de soberania alimentar ocupa o lugar central nas defesas da Via Campesina, segundo a qual o conceito significa:

- *Priorizar a produção de alimentos saudáveis, de boa qualidade e culturalmente adequados em primeiro lugar para o mercado interno. É fundamental manter a capacidade de produção de alimentos baseado em um sistema agrícola diversificado – que respeite a biodiversidade, capacidade de produção da terra, valores culturais, preservação de recursos naturais – para garantir a independência e a soberania alimentar das populações.*
- *Garantir preços justos para os agricultores e agricultoras, o que requer a proteção de mercados internos contra importações a preços baixos.*
- *Regular a produção no mercado interno para evitar excessos.*
- *Frear o processo de industrialização de métodos de produção e desenvolver a produção sustentável baseada na agricultura familiar.*
- *Abolir qualquer ajuda direta ou indireta à exportação.*

O campesinato procura dar maior ênfase, pelo que podemos constatar na citação acima, à descentralização fazendo com que um maior número de pessoas ou um maior número de propriedades tenham a terra para produzir e uma maior distribuição do capital priorizando propriedades menores, com pequena dependência de insumos, orientação técnica para os agricultores familiares e também com pequena dependência a crédito bancário, o que possibilita maior autonomia sobre seu sistema de produção enfatizando a qualidade de vida dos trabalhadores rurais no consumo dos alimentos por eles produzidos (alimentação saudável). Segundo o referido autor o agricultor ou a agricultora produz seus alimentos de acordo com os ciclos da natureza sentindo-se parte dela. Segundo ele, a via campesina defende

também, o resgate de técnicas culturais de plantação cultivo e controle de pragas, cuidados com o solo, a conservação dos recursos não renováveis tais como: observação das fases em da lua para o plantio e colheita, conhecimentos transmitidos pelas gerações passadas.

O agronegócio, em contrapartida tem seu foco na competitividade e na modernidade, fazendo da utilização permanente de tecnologia avançada. Volta seus principais objetivos a produção em grande escala. (MAPA,2015).

No oeste de Santa Catarina, em especial nos municípios de Seara e Xavantina verifica-se propriedades voltadas a produção de suínos no sistema de integração com produção em grande escala, com técnicas modernas de produção. Sobre a produção de suínos, na visão do agronegócio, Ostroski, Petry e Galina (2006 p.02), salientam que:

O agronegócio se caracteriza como um complexo de atividades econômicas, administrativas e industriais que estão relacionadas com o ambiente interno e externo. Dentre estas atividades temos as cadeias produtivas ou filières. No processo de produção e criação de suínos envolvendo questões como manejo, estrutura, alimentação, nutrição e genética é importante que exista coordenação de todas as sequencias produtivas, tornando-se possível maior organização e eficiência. Isso pode ser alcançado através dos modelos de integração com as agroindústrias, que oferecem desde o pacote tecnológico e os fatores básicos para a produção, até a comercialização dos produtos finais. (...) as propriedades rurais que eram diversificadas produzindo e industrializando internamente somente para o consumo próprio, passaram a ser especialistas em um tipo de atividade e começaram a fornecer insumos para as indústrias, ganhando então por demanda de produtividade e fazendo com que as indústrias e empresas dependessem do setor agropecuário para a industrialização ou produção dos bens finais.

Olhando sob esta ótica verificamos que os recursos naturais como o solo a água e o ar ficam em segundo plano. Neste sentido podemos considerar que para este setor, o cultivo da terra é visto um negócio que visa o lucro, não respeitando os seus ciclos naturais procurando sempre produzir mais através de insumos industrializados e novas tecnologias que contaminam o solo e a água. Podemos então citar as grandes culturas como a soja e o milho com sistema de produção padronizado, com alta escala de uso de agrotóxicos, visando somente à geração de capital ou lucro, incentivando o consumismo e o crescimento econômico.

2.2 FORTALECER A LUTA TODOS OS DIAS EM DEFESA DA VIDA: O MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS

Com base nos estudos de Gabriela Miranda Marques (2007), podemos afirmar que na metade do século XX, foram ocorrendo grandes transformações econômicas no meio rural brasileiro, onde a expansão do agronegócio e a propagação de novas fronteiras agrícolas eram estimuladas. Determinados padrões de trabalho considerados tradicionais da agricultura familiar, em grande parte foram sendo substituídos pelo processo de industrialização, que acabou, por exemplo, integrando muitos dos pequenos produtores rurais às agroindústrias, incentivando o uso de agroquímicos e máquinas, a produção de monoculturas em larga escala, entre outros.

Segundo Marques (2007), esse novo modelo de produção exigia o uso de novos insumos e técnicas para atender as necessidades do mercado. Atendendo as exigências da agroindústria, esse processo ao mesmo tempo em que foi impactando nas condições estruturais de trabalho (ampliando o potencial de produção de determinadas propriedades – no latifúndio monocultor), pequenos produtores rurais foram perdendo sua autonomia no processo de produção, se subordinando à lógica do capital e tendo sua soberania alimentar atingida, como é o caso daqueles que se integraram à cadeia produtiva de suínos, aves, fumo, etc. Tal fato contribuiu para desencadear uma crise do modelo de produção agrícola típica da agricultura familiar, ampliando o êxodo rural, a concentração de terra e renda no campo e o empobrecimento de famílias que não se adequaram ou resistiram a esta lógica.

Sobre isso Bordalo e Jalil (2010, p.04) ressaltam:

A partir do final dos anos 70, o mundo inicia uma nova ordem econômica mundial, e os estados latino-americanos implementaram várias medidas e políticas neoliberais que acirraram as desigualdades sociais, a pobreza e a exploração, abrindo estes países para a entrada de um novo tipo de capital, que encontra no campo um espaço ideal para se reproduzir, com o fortalecimento do agronegócio; o desenvolvimento da indústria de sementes, insumos e agrotóxicos; tecnificação excludente; a flexibilização das leis trabalhistas e ambientais; manutenção do latifúndio e a produção da monocultura. Como reflexo, as populações rurais estão cada vez mais pauperizadas e, para a vida das mulheres, isso se mostra de maneira acentuada.

Com o final da ditadura militar no Brasil na década de 1970, surgiram diversos movimentos sociais que incentivados pela igreja católica conscientizavam a população sobre os seus direitos. Segundo Marques (2007), a Igreja Católica realizava um trabalho de conscientização sobre o papel do homem e da mulher na sociedade e na família, em defesa da agricultura familiar e sem veneno (química), do campo com vida em contraposição à lógica do agronegócio. Isso proporcionou que na referida região surgissem intensos movimentos sociais e sindicais, entre esses o Movimento de Mulheres Camponesas.

Boni (2012, p.160) salienta que o MMC foi criado oficialmente no ano de 2004, porém de forma isolada nos estados brasileiros, as organizações de mulheres existiam desde a década de 1980, como é o caso do MMA em Santa Catarina, o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) no Rio Grande do Sul e Paraná e das extrativistas no Norte e Nordeste do Brasil, como as quebradeiras de coco de babaçu. Na década de 1990 estes movimentos começaram a se articular e criaram a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR) que resultou na criação do MMC.

O Movimento de Mulheres Agricultoras, atualmente denominado de Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), representa no Brasil uma importante força política, tendo nascido a partir da necessidade de trabalhar a luta da mulher, como uma especificidade dentro da luta geral dos trabalhadores rurais, tanto pela igualdade de condições de trabalho e de vida entre homens e mulheres, quanto por um campo com vida, trabalho, saúde, cultura e lazer, em contraposição aos processos de expansão do latifúndio, do agronegócio e de todo pacote tecnológico da revolução verde. A mulher agricultora sentiu a necessidade de buscar formas de participação na sociedade, superar preconceitos, criar novas relações de poder sem dominação e discriminação (MMC, 2015, p.04).

Casagrande (1991) faz um breve histórico do MMC dizendo que ele se originou das Comunidades Eclesiais de Base, ligadas a Igreja católica. No estado de Santa Catarina, seu início oficial deu-se em 25 de julho de 1981, no distrito de Itaberaba, município de Chapecó. Teve como primeiro objetivo organizar as agricultoras para tomar a direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, meta que foi alcançada em 1982. No dia 08 de março de 1984, Dia Internacional da Mulher, houve a primeira manifestação pública do Movimento em Chapecó, da qual participaram de dois a três mil agricultoras. Para o referido autor, eram as mulheres

se organizando para reivindicar os seus direitos e tomando consciência que poderiam ser sujeitos da sua própria história.

Para Boni (2012, p.39)

O movimento de mulheres camponesas surgiu em Santa Catarina com o objetivo de ser um movimento em que as mulheres agricultoras pudessem expressar suas ideias e promover suas lutas em busca de direitos. Objetivo este que foi alcançado ao terem sua profissão reconhecida pela sociedade. Tornaram-se então produtoras rurais, passando a ter direito ao bloco de produtora rural, nos documentos como registros de casamento, na certidão de nascimento dos filhos, não eram mais somente consideradas domésticas ou do lar.

É preciso salientar, que a organização das mulheres se deu em um primeiro momento no sentido da luta de classes e somente após elas entram no campo do gênero, pois sofriam represalias dentro da própria família, lutando contra uma estrutura patriarcal. Seus maridos tiveram comportamentos diversos frente a esta nova situação, pois estavam acostumados a ver a mulher somente na esfera doméstica e religiosa, cuidando da casa, do marido e dos filhos. Marques (2007, p.6)

Há mais de trinta anos as mulheres vêm construindo um movimento autônomo, democrático e popular e as mudanças foram acontecendo, progressiva e lentamente. Nesse período foram organizadas lutas, obtiveram conquistas como o reconhecimento da profissão de trabalhadora rural, o auxílio maternidade, a aposentadoria da mulher da roça aos cinquenta e cinco anos, auxílio saúde, pensão para viúvas entre outras (CASAGRANDE,1991, DABOIT, 1996)

Segundo Paludo e Daron (2012, p.482):

Quanto aos princípios, foi definido que o MMC é um movimento autônomo, democrático e popular, classista, construtor de novas relações de igualdade; um movimento de luta e socialista, para o qual os seres humanos têm o direito de viver com dignidade e igualdade. A luta central do MMC é contra o modelo neoliberal e machista e pela construção do socialismo. Com base nesses princípios, são definidas as seguintes bandeiras: projeto popular de agricultura, ampliação dos direitos sociais, participação política da mulher na sociedade e projeto popular para o Brasil.

A escolha do nome Mulheres Camponesas, seria pelo significado que abrange as diferentes atividades desenvolvidas no campo pelas mulheres, sejam elas agricultoras assalariadas rurais, pescadoras ou extrativistas (BONI, 2012).

Outra justificativa refere-se ao trabalho familiar e produção de alimentos voltada para a agroecologia sendo uma característica própria do camponês.

No dicionário da educação do campo, sobre a identidade da mulher camponesa, Paludo e Daron, (2012,p.483) afirmam:

Nesse sentido, mulher camponesa é aquela que, de uma ou outra maneira produz o alimento e garante a subsistência da família. São pequenas agricultoras, pescadoras artesanais, quebradeiras de coco, extrativistas, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, boias frias, diaristas, parceiras, sem-terras, acampadas e assentadas, assalariadas rurais e indígenas.

Para o camponês ou a camponesa, a terra é lugar onde reproduz e cuida da vida, a qual ele pertence e depende de seus recursos, para construir seu modo de vida, caracterizando-se pela sua dependência em relação aos recursos naturais.

Sobre a construção do espaço de vida, Moreira (2009, p.63) nos diz:

O espaço é um fator social um elemento de determinação. Uma vez produzido pela história, o espaço passa a condicionar a ação dos homens através de sua configuração. Surgindo como um campo de forças sociais, o espaço se torna uma determinação através de seu quadro geográfico de localização, dando o seu poder de fazer reproduzir as linhas de força das estruturas vigentes e consecutivas das sociedades por meio dele organizadas, influenciando na própria montagem das novas configurações através do traçado das configurações iniciais.

Podemos refletir com isso que somos sujeitos na construção de espaço ao qual fazemos parte, o espaço geográfico é transformado pelo homem através do seu trabalho e as suas relações com a sociedade em que vive. As mulheres camponesas através de suas lutas buscam transformar a sociedade criando uma nova identidade, buscam conquistar novos horizontes.

No processo de globalização que vem ocorrendo em grande parte do mundo moderno, verificam-se novamente grandes mudanças em quase todos os setores da sociedade. Trouxe grandes benefícios ao homem como a agilidade e o fácil acesso a informação, as tecnologias cada vez mais modernas nas mais diversas áreas. Por outro lado torna a vida sempre mais agitada e concorrida, não temos tempo para as atividades essenciais para o nosso bem estar, passamos grande parte da nossa vida sem darmos a devida valorização aos hábitos de vida saudáveis.

Para Milton Santos (2010, p.17) :

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. De um lado, é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que autorizam a precisão e a intencionalidade. De um lado, há referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade. São dados de um mundo físico fabricado pelo homem, cuja utilização, permite que o mundo se tone esse mundo confuso e confusamente percebido. É a maneira como, sobre esta base material, se produz a história humana que é a verdadeira responsável pela criação da torre de babel em que vive a nossa era globalizada.

Com a rede mundial de computadores, nas redes sociais em poucos minutos podemos ter acesso a informações vindas dos lugares mais distantes do planeta. Podemos nos comunicar com nossos amigos ou conhecidos que estão a milhares de quilômetros de distância como se estivéssemos lado a lado. Sem falar na praticidade dos aparelhos elétricos ou eletrodomésticos que chegaram para facilitar a nossa vida em casa e no trabalho.

Se por um lado este processo trouxe benefícios, por outro lado trouxe grandes desvantagens: citamos como exemplo os impactos causados no meio ambiente pela produção em grande escala de suínos e aves para atender os mercados internacionais que demandam longas jornadas de trabalho para as mulheres que além destes ainda são responsáveis na maioria das vezes pelo serviço da casa e o cuidado e educação dos filhos e dos idosos.

Sobre esse assunto a cartilha divulgada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário ligado ao Governo Federal (2006, p.31) nos fala:

As mulheres rurais do setor dos pequenos produtores cumprem uma jornada de trabalho médio de 16 horas de trabalho produtivo, reprodutivo e doméstico. Embora trabalhem em culturas comerciais as mulheres não são, em sua maioria, reconhecidas como produtoras e a sua tarefa é considerada “auxiliar”. As longas horas de trabalho e a simultaneidade das tarefas produtivas e domésticas camuflam a efetiva produção trabalhista da mulher e seu valor econômico.

As mulheres camponesas lutam para mudar este sistema através da conscientização de uma nova forma de trabalhar e produzir no espaço em que estão inseridas. Sobre a produção do espaço Moreira (2009, p.113) comenta:

Sociedade e espaço são como as duas faces do espelho. Vendo-se uma, está se vendo a outra; não como uma relação reflexa, mas como uma que vem da outra, como produtos recíprocos. A sociedade se reproduz, produzindo o seu espaço, e o espaço se produz, produzindo a sociedade,

tudo é um mesmo e único modo de produção. O espaço e a sociedade, ao oferecer a concretude recíproca que historicamente é necessária, relacionam-se pelo modo de produção que está na sua base e a formação socioeconômica que a sobrepõe. A formação sócio espacial é a sociedade despida do seu sentido genérico, singularizada pelo caráter de objetividade que lhe dá a presença do espaço.

Nos dias atuais, o movimento de mulheres camponesas continua sendo um movimento com grande participação das mulheres, suas lutas reafirmam a luta pela igualdade de direitos, contra qualquer tipo de violência contra mulher (física e psicológica), contra qualquer tipo de exploração praticada contra a mulher e sua classe trabalhadora. Atualmente o Movimento de Mulheres Camponesas está organizado em dezoito Estados brasileiros, com diversas coordenações, a saber (MMC, 2015 p.02):

- a) O grupo de base, localizado nas pequenas comunidades rurais onde geralmente o ponto de encontro e troca de experiências acontece, coordenado por duas dirigentes, sendo este um espaço de formação e organização para as lutas em defesa dos direitos das mulheres.
- b) As direções municipais compostas por uma dirigente de um grupo de base, líderes comunitárias que tem a responsabilidade de articular e coordenar as atividades do movimento em nível de município e o contato com as demais instâncias do movimento.
- c) As direções regionais são compostas por duas dirigentes de cada município e tem a responsabilidade de articular e coordenar as atividades das regionais do MMC dos estados.
- d) Já as direções estaduais são compostas por duas dirigentes regionais são responsáveis por articular as atividades do movimento no Estado.
- e) A coordenação é composta de duas dirigentes de cada Estado, são responsáveis pela articulação nacional e fazer os encaminhamentos com os Estados.
- f) A direção executiva implementa e viabiliza as decisões da coordenação nacional é composta por dez líderes da coordenação nacional e reúne as coordenadoras das equipes de trabalho que são: Lutas, finanças, organização, relações nacionais, relações internacionais(lutas), comunicação(divulgação, marketing, propostas).

Pode-se dizer que o movimento de mulheres é fruto de uma caminhada de mais de trinta anos onde obtiveram várias conquistas e resistências ao sistema econômico capitalista e patriarcal. Entre as suas bandeiras de luta podemos destacar a luta por uma melhor distribuição da terra e dos meios de produção que se encontram concentrados nas mãos de poucas pessoas. Lutam contra a produção em larga escala com o uso indiscriminado de agrotóxicos (herbicidas, fungicidas e pesticidas), adubos químicos, sementes híbridas e transgênicas, fazendo com que se percam as sementes crioulas. A concentração da riqueza nas mãos de poucas pessoas, a valorização do lucro a todo custo deixando em segundo plano a vida

humana e os bens naturais. Lutam contra a inversão de valores difundida pelos meios de comunicação que pregam o consumismo, a moda, a submissão, o individualismo legitimando o sistema capitalista e o lucro, criando uma mentalidade de uma sociedade perfeita e repreendendo quem pensa e age de forma contrária (MMC, 2015, p.03).

2.3 A AGROECOLOGIA E O MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS

O projeto de agricultura que o MMC defende, tem como princípio a agroecologia, que se caracteriza pelo manejo ecológico dos recursos naturais, privilegiando a preservação do meio ambiente a agrobiodiversidade e a qualidade da vida humana. A agricultura orgânica também chamada agricultura ecológica ou agroecologia vem ganhando espaço nos últimos anos no mundo inteiro passando a ser uma atividade promissora e uma alternativa de uma alimentação mais saudável.

No mundo inteiro cresce, cada vez mais, a preocupação com a intoxicação com os agrotóxicos, herbicidas, pesticidas e fungicidas que são utilizados em grande escala nas lavouras tradicionais, causadoras de grandes danos a saúde da população. Para Larissa Mies Bombardi (2012, p.07 e 08):

O uso intensivo de agrotóxicos tem sido responsável por milhares de mortes na última década (1900 casos de morte por intoxicação por agrotóxicos no período de 1999 a 2009) e dezenas de milhares de intoxicações no mesmo período (62 mil intoxicações notificadas, segundo o SINITOX). Além do problema da intoxicação pelo contato direto com os agrotóxicos, há ainda outro problema que diz respeito não só aos camponeses, trabalhadores rurais e seus familiares, mas também à população em geral que consome alimentos “envenenados”. Notadamente, percebe-se a subordinação da agricultura brasileira ao capital internacional. Arcaico e moderno se fundem: intoxicações, doenças e mortes, são o outro lado da moeda desta “moderna agricultura” que demanda toneladas de agrotóxicos produzidos com tecnologia de ponta, pelas maiores transnacionais do setor químico mundial.

Sobre este assunto Miguel Altieri (2012, p.364) salienta:

O sistema industrial de agricultura está desencadeando uma crise sem precedentes no sistema alimentar global, que já começa a se manifestar em protestos contra a escassez de alimentos em muitas partes do mundo. Essa crise que ameaça a sobrevivência de mais de um bilhão de famintos, é resultado direto do modelo industrial de agricultura, que não só é perigosamente dependente de combustíveis fósseis como também tem se tornado a maior fonte de impactos antrópicos sobre a biosfera.

Para o referido autor (2012, p.365), o desafio imediato da nossa geração é transformar a agricultura industrial a partir de uma transição dos sistemas alimentares para que eles não dependam mais dos combustíveis fósseis.

Em contrapartida a este modelo de agricultura surge o desenvolvimento rural sustentável que tem como princípio o uso dos recursos naturais de forma consciente. A agroecologia apesar de ter surgido há muitos anos é uma ciência considerada em construção, para muitos autores, é uma nova alternativa frente a um sistema vigente. Com esta alternativa podemos estar convictos que é possível traçar um novo caminho frente ao sistema que nos é proposto pela agricultura industrial. Construir uma nova inclusão social, reduzindo os danos ao meio ambiente e gerar uma melhor qualidade de vida, consumindo alimentos mais saudáveis produzidos sem agrotóxicos e sem aditivos químicos.

Segundo Altieri (2012, p.273) as principais características das propriedades auto-sustentáveis são:

- Propriedades pequenas com produção contínua que atende tanto as demandas de consumo familiar como as do mercado.
- Uso máximo e efetivo de recursos locais e baixa dependência de insumos externos.
- Alto rendimento energético líquido pelo fato de os aportes de energia serem relativamente baixos.
- A mão de obra é qualificada e complementar obtida em grande parte na família ou na comunidade. A dependência no trabalho manual e de tração animal apresenta taxas favoráveis de consumo/produção de energia.
- Grande ênfase na ciclagem de biomassa e nutrientes.
- Desenvolvem-se a partir de processos ecológicos naturais (por exemplo sucessão) ao invés de lutar contra eles.
- Sistemas agrícolas diversificados que lançam mão de consórcios e diferentes variedades de uma mesma espécie.

Segundo a Câmara Interministerial de agroecologia e Produção Orgânica (CIAPO), órgão ligado ao Ministério de Desenvolvimento Agrário do Governo Federal (2013, p. 20):

Em todas as regiões do Brasil, existem exemplos concretos e exitosos de produção orgânica e de base agroecológica, desenvolvidos a partir do esforço dos agricultores e de organizações e movimentos sociais articulados em diversas redes. [...] A segurança alimentar e nutricional ocupa lugar de destaque nas agendas políticas de todas as nações, visando à produção de alimentos para todo o conjunto da população em quantidade e qualidade adequadas, a partir da agricultura em toda a sua diversidade, com a conservação dos diferentes biomas na forma da biodiversidade, do

solo e da água [...] O crescimento da produção orgânica e de base agroecológica em todo o mundo é uma resposta à demanda da sociedade por produtos mais seguros e saudáveis, originados de relações sociais e de comércio mais justas. Em todas as regiões do Brasil, existem exemplos concretos e exitosos de produção orgânica e de base agroecológica, desenvolvidos a partir do esforço dos agricultores e de organizações e movimentos sociais articulados em diversas redes.

Podemos destacar que as mulheres em diversas culturas, desempenham papel de destaque na alimentação das famílias, sendo responsáveis pela coleta dos frutos na natureza para alimentar suas famílias, semeando e plantando os alimentos de forma agroecológica, sendo também responsáveis pelo preparo dos mesmos.

Caporal (2009, p.18) afirma:

Agroecologia, mais do que simplesmente tratar sobre o manejo ecologicamente responsável dos recursos naturais, constitui-se em um campo do conhecimento científico que, partindo de um enfoque holístico e de uma abordagem sistêmica, pretende contribuir para que as sociedades possam redirecionar o curso alterado da coevolução social e ecológica, nas suas mais diferentes inter-relações e mútua influência. , A Agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo, tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura, como o estabelecimento de novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar, holística. Os elementos centrais da Agroecologia podem ser agrupados em três dimensões: a) ecológica e técnicoagronômica; b) socioeconômica e cultural; e c) sócio-política.

O processo de conscientização sobre a agricultura ecológica, desta forma, precisa ainda ser muito trabalhado pelo MMC, trata-se de formar nas pessoas uma nova consciência, existindo no próprio meio rural uma grande resistência. A produção agroecológica requer uma gama de conhecimentos sobre o assunto como o controle das pragas, conhecimento sobre o manejo correto do solo, época certa de plantio de cada cultura entre outros. Mas os seus benefícios para a saúde humana e o meio ambiente são maiores, para a atual geração e as gerações futuras.

Para o movimento de Mulheres Camponesas (2015, p.04) é fundamental o resgate das sementes crioulas consideradas pelo movimento como patrimônio dos povos a serviço da humanidade, para elas também é indispensável resgatar o amor à arte de cultivar, o cuidado com o solo e o grande amor pela vida. O respeito à vida em seu ciclo natural, no combate a exploração desenfreada dos recursos naturais e à exploração da mão de obra principalmente de mulheres, crianças e jovens. O

cuidado com os recursos hídricos, a preservação de matas e florestas, posicionando-se contrárias aos grandes reflorestamentos de pinus e eucaliptos considerados desertos verdes. Incentivar o manejo do solo de forma agroecológica, aproveitando os recursos naturais existentes, defende também, uma melhor distribuição da terra, atualmente concentrada nas mãos de grandes latifundiários, estabelecendo um limite de área por propriedade de terra. O acesso e controle dos meios de produção, trabalho e consumo pelas pessoas que vivem e trabalham no campo (MMC, 2015, p.5).

O movimento trabalha também na valorização e resgate dos saberes populares, passados de geração para geração, que através dos tempos foram deixados de lado. Citamos como exemplo o plantio e utilização das ervas medicinais, o artesanato produzido a partir dos materiais colhidos na natureza como: Chapéus de palha de trigo, cestas de palha de milho entre outros, valorizando assim a arte e a cultura camponesa. O respeito às diferenças entre homens e mulheres, o fim da violência em qualquer instância, o fim da opressão e da discriminação. Na sua pauta de lutas está, também, à luta pela valorização da agricultura familiar camponesa com políticas públicas específicas para pequenos agricultores e a colocação da ciência e da pesquisa como instrumento de promoção da vida e bem estar das pessoas (MMC, 2015, p.4).

3 MMC NO MUNICÍPIO DE SEARA-SC: O PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO E AS DEMANDAS DE LUTA

O oeste de Santa Catarina, considerado o berço da organização do movimento de mulheres camponesas, o movimento tem contribuído para impactar favoravelmente as condições de vida das trabalhadoras rurais e baseiam-se no diálogo mútuo entre a família e sociedade. A ampla participação das mulheres na organização de sua classe faz com que a mulher não seja mais vista como anteriormente, aquela mulher obediente e passiva, mas como uma mulher que busca autonomia (Marques, 2007, p.07).

Para as mulheres, a produção orgânica e de base agroecológica é a promoção de sistemas justos e sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que visem o favorecimento da vida humana e a conservação dos bens naturais. Entre os diferentes modos de produção, defende-se a importância dos pequenos empreendimentos, em especial os familiares, que se utilizam quase na totalidade de mão de obra a família. As pequenas associações se tornam uma alternativa para enfrentar as adversidades no campo (MMC,2015, p.05).

Com o objetivo superar as desigualdades de gênero no meio rural e promover a sua autonomia econômica e política as mulheres rurais de Santa Catarina, e em especial, no município de Seara, dão importantes passos para a efetivação de direitos para as mulheres com a criação do movimento de mulheres camponesas. No município de Seara, localizado no oeste de Santa Catarina, o movimento de mulheres Camponesas busca seu espaço na sociedade. Segundo IBGE Cidades (2015), o referido município tem aproximadamente dezessete mil e quatrocentos habitantes e uma área de trezentos e onze mil e trezentos e noventa e um metros quadrados de área (311,391Km²). Conta com a presença da empresa JBS que emprega cerca de dois mil e quatrocentos funcionários que provém de diversos municípios vizinhos. O município possui uma agricultura e uma pecuária forte que produz matéria prima (suínos e aves) para a empresa que se caracteriza como sua maior fonte de arrecadação.

Segundo dados fornecidos pela Secretaria da Agricultura do município, o município de Seara conta com aproximadamente um mil trezentos e trinta propriedades rurais, destas, cento e sessenta e uma, trabalham com integração de

suínos, com as empresas: JBS, Sadia, Perdigão, Cooper Xanxerê e Aurora. Noventa e uma propriedades trabalham com integração de aves com as empresas JBS e Copérdia.

Grande parte das propriedades do município trabalha com bovinocultura de leite e confinamento bovino enquanto outras propriedades trabalham com a produção de hortifrutigranjeiros que são comercializados no mercado local. O município também tem participação na produção de cereais sendo que possui em média seis mil e setecentos hectares de área destinada para a plantação de milho para grão e, três mil hectares destinados para a plantação de milho para silagem que servirá de alimento para os bovinos. A plantação de soja tem uma participação menor com uma área de cento e vinte hectares e, trinta e cinco hectares destinados ao plantio do trigo.

Dados do censo demográfico do IBGE (2010) mostram que 31,6% da população de Seara residem no meio rural enquanto que 68,4% da população moram no meio urbano, caracterizando a tendência da maioria das cidades catarinenses, onde a maior parte da população vive no meio urbano. Com a maior parte da população vivendo no meio urbano a produção de alimentos no meio rural, ganha fundamental importância, as mulheres que produzem no campo os hortifrutigranjeiros, ovos, geleias, panificados entre outros, tem sua venda garantida e, o consumidor urbano consegue ter acesso a um alimento produzido na região com uma menor quantidade de agrotóxicos e aditivos químicos.

3.1 A LUTA FEMININA DAS MULHERES DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SEARA-SC E A AGROECOLOGIA: AMAS E O MMC

Para melhor apreender a realidade vivida pela mulher do campo de Seara buscamos a colaboração do engenheiro Ezequiel Giaretta, funcionário da secretaria municipal da agricultura de Seara. Ezequiel trabalha na orientação dos agricultores familiares que tem sua produção voltada para a agroecologia. Também dialogamos com a senhora Helena Berno, presidente da Associação das Mulheres Agricultoras de Seara (AMAS), responsável pela administração da casa colonial, assim como da militante do Movimento de Mulheres Camponesas Cecy Hartman, ligada ao

movimento, desde a sua fundação no Oeste de Santa Catarina. Nestas conversas informais podemos constatar que a organização das mulheres de Seara não se diferencia muito da organização do movimento de mulheres camponesas do Estado, onde uma das suas principais bandeiras de luta é a agroecologia e a autonomia da mulher do campo.

A organização das mulheres de Seara a exemplo de outras regiões do estado iniciou-se na década de 1980. Incentivadas pelos padres da religião católica, elas iniciaram a luta pela conquista dos seus direitos trabalhistas o reconhecimento de sua profissão como agricultoras engajando-se no movimento estadual e nacional participando de congressos, lutas e manifestações do movimento de mulheres camponesas.

Buscando lutar contra um sistema econômico que exclui os pequenos produtores historicamente, organizam pequenas cooperativas, associações para comercialização dos seus produtos a fim de gerar renda e uma vida melhor para as famílias.

As mulheres trabalhadoras rurais de Seara na sua luta diária, no zelo da saúde de sua família produzem seus produtos e para sua comercialização fundaram a Casa Colonial. Atualmente com duas sedes, uma no centro e outra no Bairro Industrial, onde comercializam os seus produtos aos consumidores. Em conversa com Helena Berno, presidente da Associação de Mulheres Agricultoras de Seara (AMAS), nos relatou que a casa colonial de Seara comemorou seu décimo quinto aniversário no dia onze de agosto de dois mil e quinze com muitas dificuldades encontradas e superadas. Com cerca de setecentas e vinte associadas, reúnem-se anualmente numa convenção municipal para comemorar o dia internacional da mulher num momento de confraternização onde são realizadas palestras voltadas para o público feminino rural. É aproveitado o momento também para a prestação de contas e tratar sobre os assuntos voltados ao funcionamento da casa colonial.

A casa colonial é administrada pelas AMAS, composta por mulheres agricultoras que expõem seus hortifrutigranjeiros produzidos nas pequenas propriedades rurais do município de forma agroecológica. Segundo a sua presidente são cerca de cento e três famílias que expõem seus produtos na casa colonial para a comercialização. Destas sessenta são associadas da Associação das Mulheres Agricultoras de Seara (AMAS).

Outra entidade que faz parte da casa colonial é a Cooperativa dos pequenos Agricultores de Seara (Copase), composta por pequenos agricultores proprietários de pequenas agroindústrias que se reuniram em uma cooperativa para comercializar seus produtos que necessitam de inspeção sanitária, como ovos, queijos, salame, pães e bolachas, vinho, vinagre, agnoline, massas e outros.

A terceira entidade que participa da casa colonial é a Cooperativa dos Pequenos Agricultores Familiares de Seara (COPAFAS). Fazem parte desta cooperativa também, pequenos agricultores proprietários de agroindústrias rurais filiados a Associação dos pequenos agricultores do Oeste Catarinense (APACO), cooperativa que certifica as agroindústrias com o selo da ECOVIDA, como garantia de produto orgânico. Os associados da COPAFAS produzem embutidos, queijos, pães, biscoitos, pé de moleque entre outros.

A seguir verificamos imagens do interior da casa colonial de Seara localizada na Rua Floriano Peixoto no Centro de Seara.

Fotografia 1 - Geléias, vinho e vinagre produzidas pela família Cosman com frutas orgânicas.



Fonte: acervo pessoal: Janete M. K. Hoff

Fotografia 2 - Vinhos comercializados na Casa Colonial



Fonte: acervo pessoal: Janete M. K. Hoff

Segundo Daniela Balbinot, funcionária da casa colonial do centro de Seara, a procura por produtos agroecológicos cresce a cada ano, as pessoas vão tomando consciência de que os produtos produzidos sem agrotóxicos são mais saudáveis e trazem maiores benefícios a saúde da população. Em algumas épocas do ano destaca-se a escassez de certos produtos na casa, como a cenoura, a beterraba, o tomate que devido às condições climáticas e muitas vezes por falta de conhecimento técnico das agricultoras que não conseguem produzir estas hortaliças durante os doze meses do ano.

Destaca-se, também, o grupo Arte da Roça, composto por mulheres agricultoras que confeccionam seus produtos a partir da matéria prima retirada da natureza e materiais recicláveis como: chapéus de palha de trigo, enfeites para cozinha feitos com retalhos de tecidos com bordados, crochês, tricô, toalhas com bordado de pet work, cestas de palha de milho sacolas e outros com a finalidade de produção de renda para as mulheres. Como podemos verificar nas imagens a seguir chapéus produzidos de forma artesanal tendo como matéria prima a palha de trigo também toalhas feitas com bordado e crochê e outros produtos feitos com retalhos de tecido e outros materiais recicláveis.

Fotografia 3 – Chapéus fabricados pelo Grupo Arte da Roça



Fonte: acervo pessoal: Janete M. K. Hoff

Fotografia 4 – Tapetes fabricados pelo Grupo Arte da Roça



Fonte: acervo pessoal: Janete M. K. Hoff

Fotografia 5 – Produtos artesanais fabricados pelo Grupo Arte da Roça



Fonte: acervo pessoal: Janete M. K. Hoff

A casa colonial possui uma diretoria que a administra sendo que a Prefeitura Municipal de Seara contribui com o custeio das despesas do aluguel da sede localizada no bairro Industrial. A sede da Casa Colonial do centro da cidade possui edificação própria construída pela prefeitura do município. As agricultoras trazem seus produtos para a casa colonial que possui uma funcionária responsável em cada uma das sedes pelas vendas e o funcionamento da casa. De cada produto vendido uma parcela de 10% fica para o custeio das despesas da casa, com o salário das duas funcionárias fixas com carteira assinada e, nos dias de maior movimento recebem auxílio de diaristas. Despesas com embalagens, material de limpeza e outras despesas de manutenção. A casa colonial também faz sua obra de caridade em agradecimento aos frutos da terra colhidos: do total do lucro mensal, 1% é destinado para uma cesta de produtos coloniais para o hospital São Roque do município.

Apesar da maioria das mulheres fazerem parte da Associação das Mulheres agricultoras de Seara, estas mesmas mulheres fazem parte do Movimento de Mulheres Camponesas que é um movimento nacional, enquanto a AMAS é uma organização municipal. Ambas as associações lutam por uma vida mais digna e o reconhecimento dos direitos das mulheres agricultoras.

A partir de uma conversa com a agricultora Cecy Hartmann, do Movimento de Mulheres Camponesas, ela ressalta a dificuldade de organização das mulheres que ainda não possuem a consciência de que a organização é a melhor maneira para enfrentar a adversidades. Por diversas vezes durante os quase trinta anos de organização a entidade deixou de se articular para participar das lutas estaduais e nacionais da classe por falta de conscientização das mulheres. Destaca que, atualmente, as mulheres se reúnem em encontros regionais do movimento de mulheres camponesas, em oficinas que resgatam os conhecimentos passados pelas nossas mães e avós sobre o uso e cultivo das ervas medicinais, e o resgate das sementes crioulas.

Em Seara as mulheres camponesas em sua maior parte já tomam consciência da necessidade do associativismo em pequenas cooperativas para unir suas forças para melhor enfrentar as adversidades. A Casa colonial onde comercializam seus produtos é um grande exemplo. A procura por alimentos produzidos na região de forma agroecológica vem ganhando cada vez mais adeptos. A participação na mobilização e articulação do movimento nacional do MMC, ainda precisa crescer, mas acreditamos que é uma semente que foi plantada e que não irá morrer, mas, sim gerará muitos frutos para o futuro.

Em conjunto com diversas entidades ligadas a agricultura familiar do município de Seara, o movimento de mulheres camponesas e a associação de mulheres agricultoras de Seara engajaram-se no setembro verde. Uma campanha encabeçada pela igreja católica que faz uma reflexão sobre os alimentos que nos consumimos diariamente. Esta campanha contou com palestras em todas as comunidades rurais e na sede do município, escolas estaduais e municipais, abordando o tema “alimentação saudável”.

Nestas palestras foi discutido sobre os hábitos alimentares dos moradores searaenses, o processo de produção dos alimentos que consumimos no dia a dia, sobre os impactos negativos provocados pelo sobrepeso ou a obesidade, os riscos decorrentes da ingestão desequilibrada de alimentos e bebidas ricas em calorias, gorduras, sódio, açúcares e aditivos químicos. Foi trabalhada também a necessidade de diminuição do consumo de sal, açúcar e carnes vermelhas, o aumento do consumo de frutas e verduras, grãos integrais aliados a atividade física pelo menos três vezes por semana. Enfocou também o consumo de alimentos agroecológicos produzidos nas propriedades do município. Dando assim um

incentivo para os agricultores cada vez mais deixarem de lado os produtos químicos nas suas lavouras e investirem mais na agroecologia.

Segundo uma pesquisa interativa de opinião feita por uma rádio da cidade de Seara aponta que 75% da população está disposta a pagar mais caro por alimentos orgânicos. Com a conscientização da população por optar por alimentos orgânicos surge uma grande possibilidade de mercado consumidor com possibilidade de geração de renda para as mulheres agricultoras. A produção de alimentos orgânicos, segundo Ezequiel Giaretta, engenheiro agrônomo da secretaria municipal da agricultura de Seara, requer o maior emprego de mão de obra e conhecimento específico para trabalhar sem produtos químicos.

Ezequiel destaca que presta assistência técnica para trinta e oito agroindústrias familiares do município, associadas às cooperativas COPASE e COPAFAS e mais quatro agroindústrias familiares que não são associadas às cooperativas do município. Ressalta que temos no município três propriedades rurais ligadas a cooperativa COPAFAS certificadas com o selo ECOVIDA de produtos orgânicos, que geram quatorze empregos diretos nas três propriedades. Sendo uma delas a propriedade da família Cosmann, que produz geléias, vinho colonial, frutas como: pêssego, morango, uva, figo, pêra, tangerina e outros. A propriedade da família Deitos também é certificada e produz hortaliças como tomate, repolho, alface, beterraba, morango, feijão, cebola, polpas e sucos de frutas, tendo projeto de iniciar também com a produção de melancia e melão. Outra propriedade certificada é a família Bunkoski que produz açúcar mascavo, melado.

Segundo Ezequiel, os produtos orgânicos são comercializados com valores mais elevados comparando com os produtos convencionais na casa colonial de Seara, mas nos supermercados do município a variação do preço do produto convencional e o produto orgânico há pouca diferença ou nenhuma. Somente os produtos vendidos para os programas destinados à alimentação escolar, aos hospitais, adquiridos por programas do governo federal, os produtos orgânicos tem um acréscimo de 30% no valor convencional de venda.

Questionado sobre os motivos aos quais os demais produtores não ter interesse em buscar a certificação orgânica para suas propriedades Ezequiel, destaca que, é um processo longo, que muitos produtores desistem no caminho por demorar em torno de cinco anos para receber a certificação e que a propriedade precisa trabalhar com cem por cento da produção voltada para os orgânicos,

enquanto muitos associam a produção orgânica em algumas culturas e outras à produção convencional, como é o caso da maior parte das mulheres que trazem seus produtos para a casa colonial para comercializar. Elas produzem os hortifrutigranjeiros de forma orgânica, enquanto na mesma propriedade é cultivado o milho convencional ou transgênico.

3.2 A LUTA DAS MULHERES NO CAMPO E A AGROECOLOGIA COMO RESISTÊNCIA À LÓGICA DESTRUTIVA DO CAPITAL NO CAMPO CATARINENSE

Para Segatti, Hespanhol,(2008,p.618) o grande avanço tecnológico ocorrido nas últimas décadas afetou praticamente todos os setores produtivos, inclusive a agricultura. Tal processo foi particularmente penoso aos pequenos produtores rurais, dada a falta de capital próprio e a dificuldade de acesso a financiamentos oficiais para acompanharem as inovações. A atualização da tecnologia no campo, em ritmo intenso, vem dificultando à sobrevivência dos pequenos produtores rurais. Segundo os autores as rápidas mudanças têm impingido os pequenos produtores rurais a adotarem novos mecanismos de aprendizagem e de formação profissional e empresarial. Para Eles a formação profissional e a mentalidade empreendedora, no entanto, requerem algum nível de instrução, o que a maioria dos pequenos produtores rurais, especialmente os mais idosos, não dispõe.

Podemos compreender que o Movimento de Mulheres Camponesas opõe-se a esta lógica do mundo capitalista propondo uma nova forma de produzir no seu espaço. Sobre a intenção de modificar velhas estruturas recorreremos a afirmação de Milton Santos (2006,p.57) “[.] a intencionalidade transforma a distinção, a separação, a contradição, em uma insuperável tensão entre o objeto e o sujeito [.]”.

Sobre isso podemos considerar que para romper as velhas estruturas de produção convencional com o uso dos agrotóxicos e outros produtos químicos nas lavouras será necessário romper velhas barreiras enraizadas na sociedade que sustentam o sistema capitalista para voltar-se a uma produção mais voltada ao bem estar da população com alimentos mais saudáveis num campo com mais vida e saúde. A utilização dos recursos naturais de forma sustentável, respeitando os

ciclos da natureza, mudando os hábitos de consumo da população, trocando a alimentação industrializada com grande quantidade de conservantes e outros aditivos químicos por uma alimentação saudável, alimentos naturais produzidos sem agrotóxicos nas pequenas propriedades rurais.

Segundo Altieri, (2012, p.370), produzindo numa escala menor a produtividade em termos de produtos colhidos por unidade de área é maior do que sob-regimes de monocultura com o mesmo nível de manejo. Ele enfatiza que essa superioridade na produtividade pode variar entre 20 a 60%, uma vez que as policulturas reduzem perdas causadas por plantas espontâneas, insetos e doenças e fazem um uso muito mais eficiente dos recursos disponíveis, como água, luz e nutrientes. Ao envolver um custo menor de insumos, os pequenos agricultores são capazes de obter mais lucro por unidade de produção.

Com uma área menor as pequenas propriedades se tornam multi funcionais, isto é com sua produção mais diversificada, seu alto nível de biodiversidade é considerado benéfico ao ambiente natural.

A formação de associações de pequenos produtores rurais para produção e comercialização, torna-se uma alternativa para geração de uma maior renda no campo. Sobre esse assunto Segatti, Hespanhol (2008, p. 621) salientam:

A organização coletiva não é fácil, mas quando os frutos começam a aparecer, os produtores rurais têm certa facilidade para cooperarem entre si, especialmente nas áreas em que haja o predomínio de pequenos produtores rurais, como no caso dos assentamentos rurais, por exemplo, muitos dos quais já passaram por experiências de organização coletiva de quando da luta para conquista da terra.

Altieri (2012,p. 223) ressalta ainda que:

Uma das principais razões pela qual os agricultores em diversas regiões do mundo preferem os policultivos é que muito frequentemente é possível obter maiores produtividades em uma área semeada em policultivo do que em área equivalente semeada com outra monocultura. Esse aumento da eficiência no uso da terra é particularmente importante em áreas cujas propriedades são pequenas devido às condições sócioeconômicas e onde a produção agrícola é limitada pela quantidade de área de floresta que pode ser derrubada num espaço de tempo limitado.

Esta característica de pequenas propriedades a que Altieri se refere na citação acima pode trazer para as pequenas propriedades rurais do oeste de Santa

Catarina, onde predomina a agricultura familiar. Na sua grande maioria são propriedades com uma área reduzida de terras, sendo que parte da propriedade são áreas de preservação permanente ou reserva legal, os agricultores se veem obrigados a buscar alternativas para produzir com mais eficiência na área que possuem. A diversificação na produção de forma orgânica pode trazer bom retorno financeiro ao agricultor ou agricultora e ao ambiente natural um maior equilíbrio biológico.

O MMC trabalha no sentido da conscientização de que nada adianta termos bens materiais e termos a nossa saúde abalada pelo consumo de alimentos carregados de agrotóxicos, a nossa água contaminada as florestas nativas destruídas.

Bardolo e Jalil (2010, p.14):

Percebe-se que o MMC, se constitui como sujeitos políticos coletivos reconhecidos nas esferas políticas em que estão inseridos e se legitimam a partir de uma efetiva representatividade junto aos grupos de mulheres rurais, com a incorporação das demandas específicas nos seus projetos políticos que os caracterizam. Entretanto, estes projetos correspondem a concepções políticas diferenciadas, o que determinam formas de articulação e ação distintas.

Neste campo o MMC se percebe como protagonista das ações políticas nos diversos espaços em que as mulheres estão inseridas, o que determina suas articulações, a fim de que possa assegurar a participação e representação efetiva destas, suas demandas e questionamento específicos, articulados com as lutas ditas gerais. Estas articulações acontecem a partir da percepção de que são as mulheres camponesas que, ao participarem dos espaços, se fortalecem enquanto sujeito político e fortalecem o movimento, num duplo processo questionador, tanto da esfera pública (dos espaços públicos, redes, articulações, fóruns, comitês, dentre outros), quanto no privado (na casa, em suas relações como mães,, filhas, etc.). Este processo é essencial para que tanto as mulheres, quanto o MMC sejam reconhecidos como novos sujeitos políticos, com demandas específicas, gerando reconhecimento de direitos e exigindo redistribuição de poder.

Com estas palavras podemos concluir que as mulheres com sua organização, aos poucos, vão conquistando novos caminhos que antes eram utopia.

No dizer de Cinelli e Conte (2010), as mulheres do MMC almejam a vida com alegria, dignidade e respeito, porque sonham e lutam, já aprenderam a não pedir favores e, na luta em defesa da vida, fazem e escrevem sua história. Esse fazer que vai se dando a partir da militância, possibilita que as mulheres desenvolvam, em suas relações cotidianas, aquilo que chamam de novas relações de gênero e acreditam na construção de uma “nova sociedade”.

Nos últimos anos a forma de produção na agricultura passou por profundas mudanças, nos utilizamos das palavras de Segatti, Hespanhol (2008, p.616) que nos falam que:

A trajetória da agricultura brasileira nas últimas décadas foi marcada pelo intenso processo de modernização entre 1965 e 1980; pela crise econômica dos anos 1980 que redundou no esgotamento do padrão de financiamento agrícola oficial; e, pela instituição do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), no ano de 1996. O ritmo intenso da atualização tecnológica no campo tem requerido a atualização de informações e a adoção de mecanismos de aprendizagem e de formação profissional e empresarial dos produtores rurais, o que tem penalizado muitos pequenos produtores rurais, os quais têm sido sistematicamente desalojados do ambiente em que estão inseridos dada a necessidade de se produzir em grande quantidade, com elevado padrão de qualidade e a preços competitivos. Para não serem excluídos do processo produtivo os pequenos produtores rurais devem incorporar novas tecnologias, atualizar as informações e aprimorar a formação profissional.

Como os autores acima mencionam estas mudanças excluíram muitos agricultores que continuaram a trabalhar na forma tradicional, que venderam as suas propriedades e foram trabalhar nas agroindústrias por não terem uma renda para proporcionar uma vida digna para suas famílias.

A oferta de emprego nas indústrias se torna atrativa, a partir do momento em que o trabalhador tem a garantia de um salário fixo no final do mês, décimo terceiro salário, o que muitas vezes não acontece no campo quando o agricultor que planta a sua lavoura é dependente de fatores climáticos como o excesso ou a falta de chuvas que prejudicam a produção, o ataque de pragas, venda dos seus produtos por um preço que lhe garanta lucro e, não somente cubra os custos de produção.

A produção de renda no campo torna-se um grande desafio para as famílias rurais da região do oeste catarinense e principalmente em Seara que é o foco de nosso trabalho. Sem a geração de renda, aos poucos, as pessoas vão se desestimulando com as atividades do campo que em diversas ocasiões é um trabalho pesado, cansativo que precisa ser realizado durante os sete dias da semana. Na cidade, trabalhando numa carga horária de quarenta e quatro horas semanais, também muitas vezes um trabalho cansativo, mas tem garantida a folga do final de semana para sair com os amigos, dedicar-se ao descanso, sem dizer que a cidade também oferece um acesso maior aos bens culturais da sociedade moderna.

No campo, os serviços como telefonia, internet em grande parte das localidades são muito precários quando existem e, inexistindo em grande parte de

outras. Isso faz com que a maioria dos jovens que já tiveram acesso a esses bens não queiram mais viver sem eles. São jovens que se mudam para as cidades visando trabalhar nas indústrias em troca de um salário, ficando na propriedade rural somente os pais. Gerando um processo de envelhecimento no campo. Estes pais muitas vezes trabalham até sua aposentadoria sem fazer grandes investimentos na propriedade por não terem sucessores para ela.

Pode-se dizer que a instalação de pequenas agroindústrias no campo em associações de cooperativas torna a vida do campo mais atrativa e rentável, com a produção mais voltada para a comercialização em conjunto, a troca de experiências e agregação de valor aos produtos resgatando em muitos agricultores e agricultoras o prazer de trabalhar na terra plantando e cultivando os seus próprios alimentos de forma mais natural e saudável, assim como comercializar os excedentes gerando uma renda razoável com boa qualidade de vida.

A agroecologia destaca-se como uma das alternativas para o futuro no campo, através dos conhecimentos desenvolvidos através da prática do dia a dia juntamente com os conhecimentos produzidos pela ciência é possível traçar um novo rumo para o campo.

Como escreve (CAPORAL, COSTABEBER e PAULUS, 2004, p. 02):

“Agroecologia é uma ciência para o futuro sustentável”. Isto porque, ao contrário das formas compartimentadas de ver e estudar a realidade, ou dos modos isolacionistas das ciências convencionais, baseadas no paradigma cartesiano, a Agroecologia integra e articula conhecimentos de diferentes ciências, assim como o saber popular, permitindo tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura industrial, como o desenho de novas estratégias para o desenvolvimento rural e de estilos de agriculturas sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar e holística.

Compreendendo os processos naturais, os ciclos da natureza o homem, o pequeno produtor rural produz os alimentos utilizando a natureza a seu favor sem agressões mais drásticas ao meio natural. Preservando os biomas naturais, a natureza cria por si um sistema de autocontrole das pragas que podem surgir nas lavouras.

Em Seara-SC, existe ainda, uma falta nos supermercados dos produtos orgânicos. Em conversa com supermercadistas, constatamos que se os nossos produtores do município produzissem o dobro dos produtos orgânicos que hoje estão produzindo, provavelmente não conseguiriam atender a demanda do mercado

local. É claro que a produção orgânica exige maior emprego de mão de obra, pois é necessário que se faça a capina das ervas daninhas para as culturas terem espaço para se desenvolver, quando acontece o ataque de pragas muitas vezes é perdida uma safra inteira, ficando o produtor sem a sua fonte de renda. Como aconteceu na propriedade da família Deitos, que tem certificação de produção de alimentos orgânicos: na sua plantação de morangos houve o ataque de um fungo, para não perder o selo de certificação da rede ECOVIDA, foi obrigada a descartar toda sua produção. Caso estivesse produzindo de forma convencional passaria um fungicida, respeitando o período de carência do produto, depois comercializaria normalmente a produção.

A produção orgânica torna-se um bom investimento a partir do momento que as pessoas se derem conta dos benefícios que ela proporciona a sua saúde e a saúde da natureza: que aos poucos a própria natureza cria um sistema de equilíbrio contra pragas e insetos prejudiciais às lavouras. Uma das vantagens da produção orgânica é também a saúde do solo. Com a adição de adubos naturais como a compostagem, adubação verde e rotação de culturas é criado um equilíbrio natural de nutrientes, sem falar na preservação da água nos lençóis freáticos e águas subterrâneas que são preservados da contaminação de agrotóxicos. Com o solo saudável são produzidos também alimentos mais saudáveis, com mais vitaminas e nutrientes benéficos à saúde humana. Com a opção pelo plantio de alimentos orgânicos a pessoa sente-se mais próxima da natureza fazendo parte dela.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos fazer no início uma reflexão sobre a questão agrária brasileira que envolve uma série de problemas que atingem o meio rural brasileiro tais como a concentração da terra nas mãos de uma minoria, questões de gênero e geração, diversidade étnica, mercantilização da natureza, o cuidado com os recursos naturais, direitos humanos, conflitos territoriais entre outros que atingem as famílias dos pequenos produtores rurais brasileiros. Após fizemos um resgate histórico sobre o surgimento do Movimento de Mulheres camponesas no oeste de Santa Catarina e suas bandeiras de luta desde o surgimento aos dias atuais.

O Movimento de Mulheres Camponesas torna-se um instrumento de luta em favor dos direitos das mulheres que tomaram consciência que a partir da organização elas têm mais força. Através de pequenas associações, a produção e a comercialização dos seus produtos se torna mais rentável. Os dois movimentos presentes no município de Seara, AMAS e MMC, são compostos por mulheres que buscam na organização melhores condições de vida para si e suas famílias.

A Associação de Mulheres Agricultoras de Seara, (AMAS), formada por mulheres agricultoras que se organizaram para comercializar seus produtos, formar pequenas cooperativas de produção, trocar experiências, confraternizar, entre outros numa escala local.

O Movimento de Mulheres Camponesas vai além, participa das lutas estaduais e nacionais do movimento de mulheres em busca de uma melhor distribuição da terra, preços justos para os seus produtos, direitos trabalhistas.

Abordamos sobre a agroecologia que se torna uma alternativa de renda para as famílias dos pequenos produtores rurais do oeste de Santa Catarina. Além de uma alternativa de renda a agroecologia pode ser considerada uma alternativa para um campo com mais vida e saúde para as pessoas que cultivam a terra. Assim como também, para o consumidor urbano um alimento sem agrotóxicos que lhe dá uma maior segurança alimentar em consumir um alimento mais saudável. Outro benefício que a agroecologia proporciona é a preservação dos recursos naturais como a água o sol que não sofrem a contaminação pelos agrotóxicos.

Por fim, cabe ressaltar que o movimento de mulheres camponesas, reafirma os objetivos de sua criação, lutando por uma vida mais saudável e digna para as

peças que moram e cultivam a terra, lutando por políticas agrícolas que favoreçam os mais fracos para permanecerem trabalhando e cultivando a terra com cuidado e amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia Modesto. **Inovações Tecnológicas na agricultura familiar sob a ótica dos agricultores familiares de Chapecó e região oeste de Santa Catarina. (região da AMOSC).** 2010. 70f. Monografia - UNOCHAPECÓ, curso de Pós Graduação em Gestão Social de Políticas Públicas. Chapecó, 2010

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável.** 3ª edição – São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA 2012.

Análise dos modelos de integração suína ciclo completo e terminação: um estudo de caso. Ostroski, D A; Petry, D; Galina, F. R. Disponível em: <www.custoseagronegocioonline.com.br>. Acesso em: 18 nov. 15.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Projeções do Agronegócio** : Brasil 2012/2013 a 2022/2023 / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Assessoria de Gestão Estratégica. – Brasília : Mapa/ACS, 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Genero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Agrotóxicos e agronegócio:** arcaico e moderno se fundem no campo brasileiro. Departamento de Geografia – USP. Disponível em: <aao.org.br/aao/pdfs/larissa-mies-bombardi-artigo-agrotoxicos-2012.pdf> Acesso em 25 nov. 2015.

BONI, Valdete. **De agricultoras a camponesas:** o movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina e suas práticas.2012. 253 p. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós Graduação em Sociologia Política.)/Valdete Florianópolis,2012.

BORDALO,Caroline. JALIL,Laeticia. **Gênero, famílias e ruralidades na América Latina.** Trabalho apresentado no VIII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural. Porto de Galinhas, Pernambuco, Brasil, 2010.

Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica. Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - PLANAPO. - Brasília, DF: MDS; CIAPO, 2013. Disponível em: <www.mda.gov.br>. Acesso em 21 nov. 2015.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia:** uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/911596/1/LVAgroecologia.umacienciaparaapoiar.pdf>>. Acesso em 14 out. 2015.

CAPORAL,Francisco Roberto. COSTABEBER, José Antônio. PAULUS, Gervásio. **Agroecologia:** matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. 2004. Disponível em:

<http://www.agroecologiaemrede.org.br/upload/arquivos/P399_2005-11-10_133719_016.pdf>. Acesso em 14 out. 2015.

CASAGRANDE, Jacir Leonir. **Movimentos sociais no Campo: Mulheres Agricultoras em Santa Catarina**. 1991. 94 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de ciências Humanas. Florianópolis, 1991.

CINELLI, Catiane. CONTE, Isaura Isabel. **O movimento de mulheres camponesas em Santa Catarina e a luta pela transformação sociocultural**. 2010. Disponível em:
<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384198112_ARQUIVO_CatianeCinelli.pdf>. Acesso em 21 nov. 2015.

Custos e Agronegócio on line - v.2 – Edição Especial - Out - 2006. ISSN 1808-2882. Disponível em: <www.custoseagronegocioonline.com.br>. Acesso em 20 out. 2015.

DABOIT, Pedro Carlos. **Do sócio-religioso ao sociopolítico: a nova relação entre o movimento de mulheres agricultoras e a igreja católica no oeste catarinense**. 1996. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas, Curso de pós graduação em Sociologia política, Florianópolis, 1991.

FILIPPI, Eduardo Ernesto. **Reforma Agrária: Experiências internacionais de reordenamento agrário e a evolução da questão da terra no Brasil**. Disponível em: <www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/504pdf>. Acesso em 15 out. 2015.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Atlas da Questão Agrária Brasileira**. Agosto 2008. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/atlas/questao_agraria.htm> Acesso em 14 out. 2015.

IBGE. Dados estatísticos sobre Seara. Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 25 nov. 2015.

MARQUES, Gabriela Miranda. Artigo: **Movimento de mulheres agricultoras de Santa Catarina e as Comunidades Eclesiais de Base: Relatos dos tempos de abertura**. Disponível em:
<<http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/viewFile/35/42>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em : <<http://www.agricultura.gov.br/politica-agricola>>. Acesso em 14 out. 2015.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes da renovação**. – São Paulo: Contexto, 2009.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

Movimento de Mulheres Camponesas. Disponível em: <<http://www.mmc.brasil.com.br>>. Acesso em 06 de mar. 2015.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Disponível em: <<http://www.mst.org.br>>. Acesso em: 01 de mar. de 2015.

OSTROSKI, Diane Aparecida. PETRY, Dirceu. GALINA, Fernando Rafael. **Análise dos modelos de integração suína ciclo completo e terminação:** um estudo de caso. Disponível em: <<http://www.custoseagronegocioonline.com.br/especialv2/modelos%20de%20integracao.pdf>>. Acesso em 13 out. 2015.

PALUDO. Conceição. DARON. Vanderléia Laodete Pulga. Dicionário da Educação do Campo. Organizado por Roseli Saete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. **Movimento de Mulheres Camponesas** (MMC Brasil). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politecnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 481-486.

PAULILO, Maria Ignez S. **Movimento de Mulheres Agricultoras:** Terra e Matrimônio, Projeto de Cooperação Técnica “Apoio as políticas e a participação Social no Desenvolvimento Rural Sustentável” – PTC. Disponível em <<http://nafa.paginas.ufsc.br/files/2010/08/mma1.pdf>>. Acesso em 20 out. 2015.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª edição 2 reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 19ª edição,- Rio de Janeiro: Record, 2010.

SEGATTI, Sônia. HESPANHOL, Antônio Nivaldo. **Alternativas para geração de renda em pequenas propriedades rurais.** 4º encontro nacional de grupos de pesquisa. ENGRUP, São Paulo, PP 665- 631, 2008 Disponível em: <www.ufsm.br/gpet/engrup/ivengrup/pdf/segatti_e_hespanhol.pdf>. Acesso em 29 nov. 2015.

TRAMONTE. Cristina. **Cultura e comunicação.** Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Setembro 1994.

Via Campesina. Disponível em: <<http://www.social.org.br/cartilhas/cartilha003/cartilha012.htm>>. Acesso em 25 out. 2015.